

Fernanda Proença

Universidade Federal de Ouro Preto

Abstração do corpo e cooptação da subjetividade na indústria cultural

Com a diluição da tutela teológico-feudal, a modernidade outorga à cultura o papel de bastião dos valores humanos. Atuando de forma análoga à dualidade platônica, a cultura enquanto esfera do ideal constitui-se também como vetor legitimador do descompasso entre ideal e práxis ao resguardar os valores mais caros à sociedade que, no entanto, não se verificam nela. Para sustentar a ilusão de reconciliação, sua vertente ideológica implícita, a laicização da cultura encena a realização do espírito autônomo; não obstante, verifica-se nela uma reificação aguda da sensibilidade em prol racionalização instrumental, essencial à estruturação do mundo administrado. A comunicação pretende investigar a relação dialética estabelecida entre o adensamento do sujeito moderno, enquanto espírito ordenador da natureza, e sua concomitante abstração exigida pela divisão do trabalho e estruturação sócio-econômica vigente, analisando a subversão desses processos subjetivos de fruição pela indústria cultural. Através do arcabouço conceitual oferecido por Theodor W. Adorno, privilegiaremos a questão da cisão entre corpo e espírito, que permite a exaltação da alma livre à revelia do corpo subjugado, e a reverberação dessa clivagem na experiência estética, buscando elucidar como o esvaziamento das afecções da physis na recepção pode ser instrumentalizado pela indústria cultural a despeito da evidência do corpo como condição primeira para a experiência estética.
